



Manuel Maria Barbosa du **Bocage** (1765–1805)

| | CARACTERÍSTICAS NEO-CLÁSSICAS | CARACTERÍSTICAS PRÉ-ROMÂNTICAS |
|--------------------|--|---|
| NA FORMA | <ul style="list-style-type: none"> - Uso da mitologia com valor alegórico / personificação de conceitos: «Ó retrato da <u>Morte!</u>, Ó <u>Noite</u> amiga». - Vocabulário erudito (por vezes inspirado no latim) - Concisão e clareza na linguagem; equilíbrio verbal. - Formas literárias ainda clássicas: soneto, ode, elegia, etc. | <ul style="list-style-type: none"> - Procura de uma linguagem nova e tom declamatório para melhor traduzir a força dos sentimentos: pontuação expressiva (exclamações, interrogações); quebra o equilíbrio clássico através das suspensões, cortes no interior do verso («Outro Aretino fui... A santidade / Manchei... oh! Se me creste...»); interjeições, vocativos, linguagem oralizante, forma dialogada (gosto teatral) – o verso solta-se, a linguagem flui correntemente, de acordo com a agitação do estado de espírito do poeta. - Marcas autobiográficas (uso abundante de pronomes e formas verbais de 1ª pessoa). - Vocabulário convencional do ambiente e sentimentalismo romântico. |
| NO CONTEÚDO | <ul style="list-style-type: none"> - A Natureza: <i>Locus amoenus</i> (bucolismo; paisagem harmoniosa, plena de luz, alegre...) - Fado (destino) - A morte igual a <i>tristeza</i>. - Sublimação do amor. - Domínio da razão. | <ul style="list-style-type: none"> - A Natureza: <i>Locus horrendus</i> (o poeta entrega-se às visões lúgubres, às paisagens sombrias, agrestes e solitárias, férteis em agoiros. A noite, os cemitérios, os túmulos, os ciprestes, os animais nocturnos, os abismos, o mar revolto são elementos do cenário que funcionam como espelho da alma). - O desengano e o fatalismo (doutrina segundo a qual a vontade e a inteligência humanas são impotentes para influenciar o curso dos acontecimentos, de modo que o destino de cada um, por mais que se faça, é fixado <i>a priori</i>. Por vezes, sinónimo de destino infeliz). - Manifestação de estados de alma doentios (angústia, pessimismo, melancolia); culto do lamento; gosto pelo mórbido (a obsessão da morte, o fascínio pelo macabro); entrega total à infelicidade, a um destino fatídico; masoquismo (comprazimento na dor). - A morte como libertação, apaziguamento, perdição ou castigo. - O amor como fonte de prazer delirante, paixão, inquietação, ânsia, ciúme. - Expressão hiperbólica dos sentimentos. - A aguda consciência do Eu (temas autobiográficos; a confiança e a sinceridade confessional). - Gosto da solidão, tendência anti-social; individualismo; apologia do génio individual. - A temática da liberdade (ideológica). |

«Os grandes temas bocagianos, os mais obsidianes e impressivamente contados, são o Amor e a Morte, ligando-se a este o simbolismo da Noite e a todos se prendendo o diabólico, o infernal.»

Jacinto Prado Coelho, *A Letra e o Leitor*, 3ª ed., Porto, Lello & Irmão, 1996.

Partindo da afirmação transcrita, analise num texto bem estruturado, o modo como os temas referidos se interligam no universo poético de Bocage.

TÓPICOS DE CORRECÇÃO

Temas românticos – Amor, Morte, Noite

- Amor associado a
 - exacerbação passional
 - ciúme
 - obsessão da morte
 - ...
- Morte associada a
 - apaziguamento da dor
 - libertação do tormento amoroso
 - perdição ou castigo
 - ...
- Noite
 - metáfora da morte
 - imagem da solidão e do silêncio
 - confidente e testemunha do sofrimento amoroso
 - espelho da alma torturada do sujeito
 - *locus horrendus*: paisagem tenebrosa e funérea
 - ...

Relação dos temas com o diabólico, o infernal:

- Amor (paixão e ciúme exacerbados...)
- Morte (perdição, castigo...)
- Noite (*locus horrendus*, espelho da alma torturada do sujeito...).

– Sonetos

Ainda que nos vamos centrar na análise dos sonetos, não podemos olvidar que a **obra** de Bocage é muito **mais extensa** e que os sonetos não são, quantitativamente, a parte mais importante dela.

Uma característica muito habitual dos textos da época são as **dedicatórias**, dedicatórias presentes em muitos dos sonetos de Bocage, que podem ter diferentes finalidades:

- Passar a **censura** mais facilmente.
- Conseguir um **subsídio** para a publicação, já que na época imprimir uma obra resultava muito caro.
- Manifestar uma **ideologia**.

Poemas de carácter ideológico

A) Canto e soneto ao Capitão Lunardi:

| | |
|--------------------|---|
| Dedicatória | Ao Capitão Lunardi , que faz uma exibição num globo aerostático em Lisboa em 1794. |
| Conteúdo | <p><i>Tema geral</i></p> <p>A ascensão em globo não é mais que uma escusa para falar em geral do progresso científico, um tema nada frequente em cantos e sonetos:</p> <ul style="list-style-type: none">- “Antídoto da morte”: supõe uma referência à fé no progresso, neste caso da Medicina, que faz que se tenha uma sensação de imortalidade (desenvolve-se neste momento a vacina contra a varíola). <p><i>Comparações do Capitão Lunardi com personagens históricas e míticas</i></p> <ul style="list-style-type: none">- Icaro, personagem mitológico que intenta voar.- Prometeu, outro personagem da mitologia clássica.- Magalhães e Vasco da Gama: marinheiros portugueses símbolo do expansionismo que, ademais, estão presentes em <i>Os Lusíadas</i> de Camões, quem é para Bocage:<ol style="list-style-type: none">Um referente estético.Um referente mítico, pelo misterioso da sua biografia.- Colombo, símbolo das descobertas e a expansão europeia. <p>Estes três últimos personagens servem para comparar a exploração marítima de tempos passados (já praticamente concluída no século XVII) com os avances tecnológicos que permitiam voar, agora a o céu é a nova fronteira.</p> <p><i>Crítica aos detractores do progresso</i></p> <p>Bocage contrapõe a escuridade dos detractores do progresso com a luz dos ilustrados, algo muito frequente na época, para defender o progresso:</p> <ul style="list-style-type: none">- os “ilustrados varões” são os defensores do progresso. Faz aqui uma referência ao começo de <i>Os Lusíadas</i> (“As armas e os varões assinalados”).- A oposição ao progresso é identificada com a escuridade e a animalidade¹ (bando, gralhas, feroz, escumando, zoilos...) |

¹ Não devemos olvidar que neste momento prefere-se a natureza ordenada, os jardins, face à natureza selvagem.

B) “Sanhudo e inexorável despotismo”:

Sanhudo, inexorável Despotismo
Monstro que em pranto, em sangue a fúria cevas,
Que em mil quadros horríficos te enlevas,
Obra da Iniquidade e do Ateísmo:

Assanhas o danado Fanatismo,
Porque te escore o trono onde te enlevas;
Por que o sol da Verdade envolva em trevas
E sepulte a Razão num denso abismo.

Da sagrada Virtude o colo pisas,
E aos satélites vis da prepotência
De crimes infernais o plano gizas,

Mas, apesar da bárbara insolência,
Reinas só no ext'rior, não tiranizas
Do livre coração a independência.

C) “Aspirações do liberalismo excitadas pela Revolução Francesa e consolidação da República em 1797”:

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia
porque (triste de mim!), porque não raia
já na esfera de Lísia² a tua aurora?

De santa redenção é vinda a hora
a esta parte do mundo, que desmaia.
Oh! Venha... Oh! Venha, e trémulo descaia
despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
oculta o pátrio amor, torce a vontade,
e em fingir, por temor, empenha estudo:

movam nossos grilhões a tua piedade;
nosso númen tu és, e glória, e tudo,
mãe do génio e prazer, oh Liberdade!

| | |
|------|--|
| Tema | Despotismo e falta de liberdade em Portugal. |
| | Palavras chave: despotismo, liberdade, Revolução Francesa, Liberalismo, República. |
| | Importância do paratexto : o título dá-nos informação relevante. |

² Lísia é sinónimo de Portugal.

“A propósito de vitórias obtidas na Itália pelas tropas napoleónicas em 1797”:

Temática Gabança dos **aspectos positivos** da **Revolução** Francesa³: o liberalismo (que supõe a ascensão da classe média) a República e a liberdade.

Isto não quer dizer que Bocage seja revolucionário, não podemos tirar conclusões dum só texto. De facto, Bocage vive interessantes **viragens ideológicas**:

- Num primeiro momento **não apoia a Revolução** Francesa, o que se reflecte em textos como “À trágica morte da Rainha de França, Maria Antonieta”.
- Quando Napoleão ascende mostra a sua **simpatia** pela **Revolução**, perceptível no texto anterior.
- A política **expansionista** de **Napoleão** fará que apoie ao **exército britânico** frente ao francês. Assim escreve sonetos dedicados a **Nelson**, inglês que morre na Batalha de Trafalgar (1805).

Poemas de morte ou nocturnos

São poemas influídos pela chamada literatura de **terror gótico**, uma corrente que teve muito sucesso em **Grã Bretanha** tanto na narrativa (*Frankenstein* de Mary Shelley) como na poesia (*Os pensamentos nocturnos* de Young)

A) “Já Bocage não sou!... À cova escura”:

Já Bocage não sou!... À cova escura
meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agora já quão vã figura
em prosa e verso fez meu louco intento.
Musa... Tivera algum merecimento,
se um raio de razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria
brade em alto pregão à mocidade,
que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,
rasga meus versos, crê na Eternidade!

| | |
|-------------------------------|---|
| Tema | Morte , preparação para a morte e arrependimento pela vida que teve. |
| Características gerais | O poeta introduz-se a si próprio como personagem, um traço moderno que seria muito frequente no Romantismo. |

Temos de dizer que é muito importante na época, e pelo tanto também para Bocage, a **exibição da técnica**. Por isso Bocage usa muitos **estilos** poéticos diferentes, para demonstrar que é bom. Mas também inclui **traços modernos** na sua poesia, como em “Já Bocage não sou... À cova escura”, onde se introduz a **si próprio** como **personagem**.

<http://apuntamentos.iespana.es/introlitpt/l4.doc>, 2006-07

³ A Revolução supõe um grande impacto social para a época já que se substitui a classe dirigente. Depois da Revolução dá-se um período de terror que faz que muitos dos que a apoiaram se afastem dela ou mesmo sejam guilhotinadas. Com o ascenso de Bonaparte esta época de terror desaparece e este é o momento no que Bocage escreve este soneto gabando os elementos positivos da Revolução.

Outras leituras de sonetos de Bocage

Já Bocage não sou

Com base na leitura atenta do soneto, podemos afirmar que está presente, e dominante, a tendência Pré-Romântica.

É notório, ao longo do poema, um sentimento pessimista e derrotista, como podemos verificar logo nos primeiros versos: "Já Bocage não sou!... À cova escura/Meu estro vai parar desfeito em vento.". Daí concluirmos que o sujeito lírico se enquadra num ambiente tipo *locus horrendus*, no qual, esse sujeito, em tom confessional e confidencial, revela-nos um quadro de sentimentos tumultuosos, cheios de agonia, próprios do sentir pré-romântico.

Este soneto evidencia um carácter autobiográfico e autocrítico. Primeiramente, o sujeito lírico é-nos dado a conhecer como: "Já Bocage não sou...", o que nos remete logo para a autobiografia e para a autocrítica. Ao assumir-se na primeira pessoa do singular, o "eu" lírico aponta para uma atitude confessional, que se vai tornando declamativa e com uma grande carga emocional, à medida que se percorre o texto.

Atentando nos seguintes versos: "Eu aos céus ultrajei..."; "... vã figura..."; "... fez meu intento!"; "Outro Aretino fui!.../A Santidade manchei...", facilmente depreendemos que o sujeito lírico atribui críticas ao seu comportamento e à sua vida, como se estivesse a fazer o balanço final da sua existência.

O poema apresenta-nos uma temporalização que assenta num esquema bipolarizado entre um passado de desafio e ultraje e um presente de desalento e morte.

Seguindo a incursão crítica ao passado e atentando nos versos: "Eu aos céus ultrajei..."; "... vã figura/... fez meu louco intento!"; "Tivera algum merecimento/se um raio da razão seguisse pura!"; "Que atrás do som fantástico corria"; "Outro Aretino fui... A Santidade manchei...", notamos um evidente inconformismo perante os excessos praticados e os erros cometidos, predominando um sentimento de arrependimento da vida passada. No respeitante ao presente, o sujeito lírico assume as agonias do seu trânsito final: "Já Bocage não sou!... À cova escura/Meu estro vai parar desfeito em vento".

O estado de espírito apresentado remete-nos para o reconhecimento do mal feito: "Conheço agora já quão vã figura/Em prosa e em verso fez meu louco intento!" e, por conseguinte, do arrependimento de tais actos: "Eu me arrependo...".

Em suma, concluímos que Bocage, nesta fase terminal da sua vida, reconcilia-se com os valores morais e sociais que sempre criticou e que lhe causaram tormento e infelicidade.

O presente denuncia, negativamente, o futuro quer do sujeito lírico "Bocage" quer da sua obra. Adivinha-se a morte física do poeta em: "... À cova escura/Meu estro vai parar..."; "... O meu tormento/Leve me torne... a terra dura"; "... a língua quase fria/Brade...". Contudo a perspectiva de continuidade está presente em: "... crê na Eternidade", não sabemos se da vida, se da sua obra, apesar do imperativo: "Rasga meus versos...".

Em conclusão podemos afirmar que Bocage, neste soneto, pretende mostrar-nos como foi o seu carácter, que percurso fez e que juízo final apresenta de si próprio.

Manuel Maria Barbosa do Bocage cultivou, num período menos conturbado da sua vida, a chamada poesia neoclássica, como pudemos observar aquando da análise do soneto: "Olha, Marília, as flautas dos pastores".

Esta tendência literária primava pelo enquadramento do sujeito lírico num ambiente harmonioso, o chamado *locus amoenus*, no qual se apregoava a beleza da natureza em todas as suas manifestações.

Os poetas neoclássicos "herdaram" esse gosto pela beleza e pela harmonia da natureza dos poetas latinos, que tanto amavam e pretendiam imitar, procurando dar à poesia o estatuto de verdadeiro deleite e prazer do homem, cultivando a arte da escrita como a representação do real (*mimesis*).

A Mitologia Pagã, crença religiosa dos clássicos, é adoptada pelos neoclássicos de forma alegórica, de modo a tornar os textos mais próximos da fonte de inspiração clássica.

Assim, nos textos neoclássicos, vamos confrontar-nos com ambientes bucólicos, harmoniosos, maravilhosos, cheios de sensações e sonoridades, que em conjunto formam um quadro de luz, som e cor.

Magro de olhos azuis, carão moreno

Aspectos biográficos:

- "em quem luz algum talento";
- "devoto incensador de mil deidades" - paganismo;
- "e somente no altar amando os frades" - anticlericalismo.

Aspectos psicológicos:

- inconstante;
- triste;
- propenso ao furor;
- propenso a paixões amorosas;
- anticlerical;
- Bebendo... veneno.

Estrutura interna:

- 1º. momento: 2 quadras, 1º. terceto;
- 2º. momento: 2º. terceto.

Esquema rimático:

- abba, abba, cdc, dcd

Tipos de rima:

- emparelhada (bb), interpolada (aa), cruzada (cdc, dcd);
- toda grave;
- rica: talento/pachorrenento; pobre: a restante;
- consoante: toda.

Apenas vi do dia a luz brilhante

Aspectos biográficos:

- Nasceu em Setúbal;
- A mãe morre-lhe ainda jovem;
- Parte para a guerra;
- Exilado longe da pátria.

Aspectos psicológicos:

- Sanguíneo carácter;
- Desgosto;
- Deseja a morte;
- Desprendimento dos bens terrenos.

Estrutura interna:

- 1º. momento: 2 quadras, 1º. terceto;
- 2º. momento: 2º. terceto.

Esquema rimático:

- abba, abba, cdc, dcd

Tipos de rima:

- emparelhada (bb), interpolada (aa), cruzada (cdc, dcd);
- toda grave;
- rica: brilhante/instante; profundo/imundo; procura/sepultura; pobre: a restante;
- consoante: toda.

Olha Marília, as flautas dos pastores

Elementos da natureza:

- flautas dos pastores;
- o Tejo;
- as flores;
- as plantas;
- as borboletas;
- o arbusto;
- o rouxinol;
- a abelhinha.

Elementos seleccionados:

- presença de elementos humanos;
- rouxinol como elemento perturbador.

Qualidades da natureza:

- harmoniosa e luminosa: destaque para o convite ao amor.

Adjectivação:

- cadentes, ardentes, vagas, alegre, clara;
- Destaque para o sentimento do amor.

Pontuação:

- exclamações, interrogação;
- Destaque para a subjectividade.

Funções da linguagem:

- apelativa (predomínio), emotiva e poética: mensagem mais voltada para o destinatário; domínio do sentimento.

Construção do quadro:

- dinâmico, com evidência para as acções das pessoas, dos entes mitológicos e das aves.

Cenário:

- locus amoenus e leve presença do locus horrendus (o suspirar do rouxinol).

Recursos de estilo:

- **Aliterações:** repetição do plural, e do /s/ (v.11) a sugerir o ruído do esvoaçar da abelha;
- **Personificações:** do Tejo, dos Zéfiro, dos Amores, do rouxinol;
- **Anáforas:** Olha, Olha, Era, Era.

Elementos românticos:

- a natureza é um estado de alma, a pontuação subjectiva e livre, a presença do rouxinol e da noite, amor sensual.

Sentimentos:

- amor (mais sensual);
- alegria/tristeza;
- verbo ver - o amor nasce da visão e a presença da amada é necessária para que a natureza tenha valor para os amantes.

Sensações auditivas:

- flautas, soam, cadentes, suspira, sussurrando.

Sensações visuais:

- olha, sorrir-se, flores, Vê, borboletas de mil cores, planta, folhas, manhã

Sensações olfactivas:

- flores

"Vê como ali beijando-se os Amores/Incitam nossos ósculos ardentes" - o vocabulário escolhido sugere directamente erotismo.

Importuna Razão, não me persigas

Razão: "Importuna Razão;/ríspida voz que em vão murmura;/(Se a lei de Amor, se a força da ternura,)/Nem domas, nem contrastas, nem mitigas; Se acusas; Se (conhecendo o mal) não dás a cura, encher de pejo."

Amor: "a lei de Amor, a força da ternura; loucura; alma, frágil vítima; carpir, delirar, morrer; o meu desejo"

Vocabulário ligado à luta:

- Nem domas, nem contrastas, nem mitigas.

Sentimentos dominantes:

- Paixão;
- Impotência perante o Amor;
- Ciúme.

Expressividade da linguagem:

- **Apóstrofe:** Importuna Razão, não me persigas;
- **Repetição anafórica:** Se a lei de Amor, se a força da ternura/Nem domas, nem contrastas, nem mitigas;
- **Gradação decrescente:** Nem domas, nem contrastas, nem mitigas; a maldiga, a desdenhe;
- **Gradação crescente:** carpir, delirar, morrer;
- **Anáfora:** Se acusas os mortais, e os não abrigas,/Se (conhecendo o mal) não dás a cura;
- **Expressividade dos verbos:** Nem domas, nem contrastas, nem mitigas; carpir, delirar, morrer;
- **Hipérbole:** carpir, delirar, morrer;
- **Adjectivação:** Importuna, ríspida, frágil, injusta e vária.

Sobre estas duras, cavernosas fragas

Razão: "Razão feroz, o coração me indagas; De meus erros a sombra esclarecendo,/E vás nele (ai de mim!) palpando, e vendo; Mandas-me não amar; Dizes-me que sossegue"

Amor: "negras paixões n'alma fervendo; De agudas ânsias venenosas chagas; Cego; surdo; Solto gemidos, lágrimas derramo; eu ardo, eu amo; eu peno, eu morro."

Vocabulário ligado à luta: "negras paixões n'alma fervendo; Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo; Dizes-me que sossegue, eu peno, eu morro."

Sentimentos dominantes: Paixão avassaladora; Dor.

O locus horrendus, cenário apropriado ao estado de espírito: "Sobre estas duras, cavernosas fragas/Que o marinho furor vai carcomendo"

Expressividade da linguagem:

- **Adjectivação:** ingrata e dura, iroso, lânguida, cativo, ditoso;
- **Verbos expressivos:** Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo; Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo;
- **Gradação crescente:** Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo; Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo;
- **Hipérbole:** Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo; Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo;
- **Repetição anafórica:** Eu, eu, eu, eu; Eu, eu, eu, eu; ofensa/Ofensa; Paixão, paixão; Vê, vê, vê.

A frouxidão no amor é uma ofensa

Todo o poema expressa **Amor**.

Vocabulário ligado à luta: Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo; Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo;

Sentimentos dominantes: Paixão, Dor pelo amor não correspondido com igual intensidade.

Expressividade da linguagem:

- **Adjectivação:** duras, cavernosas; marinho; negras; crespas; feroz; agudas; venenosas; Cego; surdo;
- **Repetição anafórica:** eu ardo, eu amo; eu peno, eu morro;
- **Hipérbole:** Me estão negras paixões n'alma fervendo; De agudas ânsias venenosas chagas; Mil objectos de horror co'a ideia eu corro, Solto gemidos, lágrimas derramo; eu ardo, eu amo; eu peno, eu morro;
- **Gradação crescente:** Solto gemidos, lágrimas derramo; eu ardo, eu amo; eu peno, eu morro;
- **Apóstrofe:** Razão feroz; Razão, de que me serve o teu socorro?
- **Quiasmo:** Solto gemidos, lágrimas derramo.

Liberdade, onde estás? Quem te demora?

Liberdade: influxo; não raia... a tua aurora?; Da santa redenção é vinda a hora; Oh! Venha... Oh! Venha; Eia! Acode ao mortal; Movam nossos grilhões tua piedade; Nosso númen tu és, e glória, e tudo; Mãe do génio e prazer, oh Liberdade!

Despotismo: e trémulo descaia/Despotismo feroz, que nos devora!; nossos grilhões; frio e mudo,/Oculta o pátrio amor, torce a vontade,/E em fingir, por temor, empenha estudo;

Expressividade da linguagem:

- **Adjectivação:** triste, santa; trémulo, feroz, mortal, frio e mudo, pátrio;
- **Interrogação:** 1.^a estrofe;
- **Exclamação:** 2.^a e 4.^a estrofes;
- **Interjeições:** OH! Oh!, Eia!
- **Apóstrofe:** Liberdade, onde estás? Oh, liberdade!
- **Repetição anafórica:** Porque... porque;
- **Rima:** grave, consoante, rica "demora/aurora, hora/devora";
- Tom declamatório.

Elementos neoclássicos:

- **Forma:** sonetos, encara a Liberdade como deusa.

Elementos românticos:

- Valorização do sentimento (predomínio da sensibilidade sobre a razão);
- Linguagem nova que melhor traduz a força dos sentimentos, feita de exclamações, vocativo, suspensões frásicas, etc.

Liberdade querida e suspirada

Liberdade: querida e suspirada; mais serena; face amena; gentil, desterra a pena; Vem, oh deusa imortal, vem, maravilha,/Vem, oh consolação da humanidade; Dos céus descende, pois dos Céus és filha,/Mãe dos prazeres, doce Liberdade!

Despotismo: acérrimo; que geme e brada; esta alma infeliz jaz sepultada; grilhão da adversidade.

Expressividade da linguagem:

- **Adjectivação:** querida e suspirada; acérrimo; serena; sereno; amena; gentil; infeliz; imortal; doce;
- **Comparação:** mais serena,/Que o sereno clarão da madrugada!; Cujo semblante mais que os astros brilha;
- **Repetição anafórica:** Liberdade; serena/sereno; Vem/Vem...vem; Dos Céus/dos Céus;
- **Uso do imperativo (Função Apelativa):** Atende; desterra; vem; solta-me; descende;
- **Apóstrofe:** Liberdade; Vem, oh deusa imortal, vem maravilha; Vem, oh consolação da humanidade; Mãe dos prazeres, doce Liberdade!
- **Exclamação:** 1.^a e 4.^a estrofes
- **Hipérbole:** mais serena,/Que o sereno clarão da madrugada!; Em que esta alma infeliz jaz sepultada; deusa imortal; Cujo semblante mais que os astros brilha; pois dos Céus és filha;
- **Rima:** grave, consoante, rica "condena/serena; brada/sepultada; maravilha/brilha";

Elementos neoclássicos:

- Forma: soneto;
- encara a Liberdade como deusa.

Elementos românticos:

- Valorização do sentimento (predomínio da sensibilidade sobre a razão);
- Linguagem nova que melhor traduz a força dos sentimentos, feita de: exclamações, vocativo, suspensões frásicas, etc.

Oh retrato da Morte, oh Noite amiga

Testemunha: ocular

- **Elementos:** escuridão, agasalho, manto, dorme, escuridade, fantasmas, claridade, bandos.

Secretária: ouvido

- **Elementos:** pranto, os diga, ouve-os, piadores, clamores.

Os fantasmas ocupam o espaço da mente do sujeito poético, como as aves o espaço do ar; os mochos soltam uns sons estranhos e agoirentos.

A relação positiva entre o sujeito poético e a Noite deve-se ao estado de espírito daquele: desiludido e desesperado. Neste estado, só a Noite é o ambiente que se coaduna com a sua sensibilidade.

A substancia fónica do soneto:

- **Aliteraões:** repetição do fonema /m/ (em todo o poema) a sugerir tristeza e angústia e do fonema /t/ (teu manto) a sugerir afirmação acentuada.
- **Rimas:** amiga/antiga; tanto/pranto; escuridade/claridade. Estes exemplos servem para salientar que as palavras que rimam partilham o seu sentido ou por semelhança ou por oposição. A rima não é apenas uma questão de ouvido, gera sentidos. Assim, a rima entre amiga e antiga serve para salientar a relação existente entre o sujeito poético e a Noite: uma relação prolongada no tempo. A rima entre tanto e pranto serve igualmente para realçar o prolongado sofrimento do poeta. A rima entre escuridade e claridade aproxima palavras de sentido oposto, mas ambas indicam dois elementos que são inimigos da luz, que se opõem à luz.
- **Alternância de vogais abertas e fechadas:** é evidente que o texto apresenta uma alternância entre vogais abertas e vogais fechadas: /ó/, /â/ e /ô/, /an/, /ão/ (vogal nasal e ditongo nasal). Tal alternância pode sugerir, por um lado, a vontade de conviver com a Noite e, por outro, o desespero; assim, a tonalidade do texto está de acordo com a sua temática.
- **Ritmo:** é predominantemente binário, quer porque alguns versos estão partidos em dois hemistíquios, quer porque há dois acentos dominantes na maior parte dos versos (decassílabos heróicos). São decassílabos sáficos os versos 4, 8 e 14, porque apresentam três acentos dominantes nas 4^a., 8^a. e 10^a. sílabas. O domínio do ritmo binário está de acordo com a presença de duas "personagens": o sujeito poético e a Noite. É mais lento nas quadras e mais rápido nos tercetos, de acordo com a intensidade dos apelos, menos fortes nas primeiras e mais fortes nos segundos.

A nível morfossintáctico:

- **Funções da linguagem:** predominam as funções emotiva e apelativa realizadas, respectivamente, nas exclamações, interjeições, 1^a. pessoa pronominal e verbal e nas formas verbais no imperativo.
- **Classes de palavras:** dominam os nomes abstractos, pois o discurso é muito subjectivo; há adjectivos antepostos e pospostos, ligados os primeiros à subjectividade e os segundos à objectividade.
- **Verbos:** salienta-se a frequência do imperativo, a traduzir os apelos do Poeta. Os outros encontram-se no presente do indicativo, indicando estados certos e permanentes.
- **Subordinação:** presente em força no soneto, ligando-o, neste aspecto, ao Neoclassicismo.

A nível semântico:

- **Personificações:** a Morte, a Noite e o Amor. Os dois primeiros elementos são os destinatários do Poeta, o terceiro torna presente a mitologia (Amor = Destino); há ainda a personificação dos fantasmas e dos mochos, pois se tornam a partir do 1^o. terceto destinatários do sujeito poético.
- **Apóstrofes:** ligadas aos destinatários directos do Poeta.

- **Comparação:** "como eu": os mochos são inimigos da luz assim como o Poeta no estado em que se encontra.
- **Anáfora:** os dois versos finais iniciam-se pelo mesmo verbo, que traduz o desejo do sujeito poético, linha temática dominante.

Meu ser evaporei na lida insana

Vocabulário:

- **passado:** evaporei, arrastava, cria, sonhava, coube, sumiu, soube.
- **presente/futuro:** sucumbe, dana, roube, saiba.
- **luz:** sóis, dourava, luz, viver.
- **sombra:** abismo, sumiu, morte, morrer.

Divisão em partes:

- **1º. momento:** as duas quadras, o primeiro terceto e o 1º. verso do segundo terceto;
- **2º. momento:** de "Quando a morte" até ao fim.

A luz é símbolo da sedução das paixões. Luz está ligada à vida, vivida ao sabor das paixões; sombra está ligada à morte, pois, no fim da vida, reflectindo sobre a mesma, dá-se conta de que essa luz que o seduziu era falsa. Deseja a morte.

As formas verbais ligadas ao passado são acompanhadas pela 1ª. pessoa porque estão directamente ligadas aos passos que o sujeito poético deu. As formas verbais do presente/futuro aparecem na 3ª. pessoa porque exprimem o arrependimento no momento da reflexão; o sujeito poético evita referir a 1ª. pessoa por causa do seu desalento; é uma espécie de aniquilamento do eu para que obtenha a salvação.

Devem salientar-se:

1. a aliteração dos fonemas /s/ e /p/; a primeira pode sugerir dissipação e a segunda o movimento agitado das paixões;
2. a repetição da vogal aberta /á/, /é,/ a sugerir a sedução que as paixões exerciam sobre o Poeta;
3. o ritmo binário pode também sugerir a correria louca do sujeito lírico em busca das paixões.

Relação de oposição, que se verifica no ritmo vivo/lento, no sentido: paixões/arrependimento.

Elementos neoclássicos: a forma poética (o soneto), palavras próximas do latim (insana, mísero, falaz), subordinação, eufemismo, apóstrofes, antítese.

Elementos pré-românticos: o tema do arrependimento, a subjectividade do discurso, a pontuação livre e expressiva.

Já sobre o coche de ébano estrelado

Comentar um texto

A apropriação da técnica do comentário de textos não é fácil porque exige o domínio de muitas competências. Dado que é norma ser pedido este tipo de enunciado em exame nacional, tendo em conta que os alunos sentem particulares dificuldades na sua elaboração, parece-nos útil fornecer-lhes pistas para esse trabalho bem como a sua exemplificação. É este o espírito que preside à actividade a seguir realizada.

INTRODUÇÃO: *Conselhos práticos*

O aluno deve:

| | |
|--------------------|---|
| evitar | trazer para a análise dados extrínsecos ao texto, como, por exemplo, dados biográficos, históricos, culturais, etc. O aluno deve informar-se sobre o autor, a corrente literária em que se filia, a sua obra, o momento histórico e cultural que o envolveu. Todavia, estes dados, que podem ajudar à compreensão do texto, não devem entrar directamente no trabalho da análise/comentário. O texto goza de autonomia. |
| evitar | cair no defeito da paráfrase, que pouco mais é do que repetir o texto por outras palavras. |
| citar | correctamente, assinalando com aspas os segmentos seleccionados. Não pode esquecer que citar por citar de nada vale. Citar serve para justificar afirmações. |
| interpretar | o discurso na base das perguntas: <i>O quê? Como? Porquê?</i> O que é a mesma coisa que dizer o tema, a forma como o tema está tratado e as razões que levaram o autor a escolher determinados recursos expressivos. |
| redigir | com clareza e precisão, evitando ambiguidades, esgotando cada aspecto antes de passar ao seguinte. Atenção a uma boa caligrafia. |
| procurar | sempre conclusões decorrentes da análise e levantar hipóteses que abram perspectivas para a melhor compreensão do texto. |
| conferir | conferir à redacção um carácter pessoal, de forma que ele próprio se reveja no seu texto. |

1 Primeira fase: *a análise*

Para se comentar um texto, é necessário praticar o trabalho de análise, isto é, o trabalho de fazer o levantamento dos elementos que o constituem. Um mecânico conhece bem um motor quando é capaz de o desmontar e voltar a montar.

Como há vários modelos de análise, apresentamos o que é seguido mais frequentemente.

A ANÁLISE

| | |
|---|--|
| 1. DETERMINAÇÃO DO TEMA Leitura | <ol style="list-style-type: none">1.1. Leitura lúdica, de contacto com o texto, destinada a fornecer uma impressão geral.1.2. Releitura de análise, repetida quantas vezes for necessário.1.3. Consulta de um dicionário para a solução de dúvidas de significados.1.4. Determinação do assunto (o assunto é o resumo das ideias principais do texto, conservando os pormenores mais importantes).1.5. Determinação do tema (o tema encontra-se libertando o assunto de todos os pormenores, reduzindo ao mínimo os seus elementos, tendo em conta os objectivos que levaram à criação do texto. Pode ser apresentado numa frase nominal.) |
| 2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA Estrutura do texto | <ol style="list-style-type: none">2.1. Explicitação das partes do texto (o texto é um todo ordenado, tal como um edifício ou o corpo humano).2.2. Explicitação da forma como o tema se distribui e é tratado em cada uma das partes.2.3. Explicitação da articulação entre cada uma das partes (por relações diversas: de oposição, de causalidade, de consequência, etc.) |
| 3. REALIZAÇÃO DO TEMA Recursos expressivos e seu significado | <ol style="list-style-type: none">3.1. a nível fónico: metro, rima, aliteraões, repetições vocálicas, onomatopeias, sonoridades dominantes, etc.3.2. a nível morfosintáctico: classe de palavras, tipos de frases, articulações entre frases, figuras de estilo (de supressão, de repetição, de inversão e de interrupção).3.3. a nível semântico: figuras de estilo (figuras de pensamento: antítese, ironia, eufemismo, hipérbole, apóstrofe, personificação, gradação, etc.; figuras de palavras: comparação, metáfora, alegoria, metonímia, sinédoque, sinestesia, hipálage, etc.) |

Exemplificação

TEXTO

Já sobre o coche de ébano estrelado
Deo meio giro a Noite escura e feia:
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque à luz vedado!

Jaz entre as folhas Zéfiro abafado,
O Tejo adormeceu na lisa areia:
Nem o mavioso rouxinol gorgeia,
Nem pia o mocho, às trevas costumado.

Só eu velo, só eu, pedindo à Sorte
Que o fio, com que está minha alma presa
À vil matéria lânguida, me corte.

Consola-me este terror, esta tristeza,
Porque a meus olhos se afigura a Morte
No silêncio total da Natureza.

Bocage, Sonetos

1. Leitura

2. **Consulta do dicionário**, se for necessário. Neste texto, há palavras que podem causar problemas de interpretação. Vamos indicá-las e apresentar o seu significado.

coche – carruagem; ébano – madeira especial, de cor negra e muito dura; meio giro – meia volta; (Para os Antigos, a Noite era uma deusa que, entre outras funções, conduzia uma carruagem escura; daí, a sombra da noite. De dia, era Apolo que conduzia um carro brilhante, puxado por valentes cavalos, que descansavam de noite.); vedado – proibido, interdito; Zéfiro – vento brando e agradável do Ocidente; velo – vigio, estou acordado; Sorte – Destino: é um poder superior ao dos deuses, que tudo governa. O Destino permitia a três deusas (as Parcas) distribuir o bem e o mal a cada homem; elas conheciam o futuro. Eram também chamadas as filhas do Destino. Assim, Cloto presidia ao nascimento e segurava a roca; Láquesis fazia girar o fuso e distribuía o fio da existência; Átropos encarregava-se de cortar no momento próprio o fio da vida; lânguida – fraca, debilitada.

3. Assunto

A Noite já vai alta e o silêncio é total, não se ouvindo qualquer ruído nem de pessoas nem de aves nem de coisas: tudo adormeceu. Apenas o poeta está acordado e, consolado com o ambiente fúnebre que o rodeia, pede ao Destino que lhe dê a morte.

4. Tema

Rodeado de profundo silêncio, o poeta deseja morrer.

5. Estrutura

5.1. Estrutura externa

O texto é constituído por duas quadras e dois tercetos (um soneto), com o esquema rimático abba, cdc dcd. Os versos são decassílabos heróicos (acentos dominantes nas 6.^a e 10.^a sílabas, excepto os 7.^o e 12.^o que são decassílabos sáficos (acentos dominantes nas 4.^a, 8.^a e 10.^a sílabas). A rima é toda grave ou feminina, toante nos vv. 2 e 3, 6 e 7, consoante nos restantes, rica nos vv. 1 e 4, 9 e 11, 11 e 13, pobre nos outros, interpolada nos vv. 1 e 4, 5 e 8, emparelhada nos vv. 2 e 3, 6 e 7, cruzada nos restantes. Há encavalgamentos ou transportes nos versos 1 e 2, 3 e 4, 9,10 e 11, 13 e 14. O ritmo é mais lento nas quadras e mais movimentado nos tercetos.

5.2. Estrutura interna

O soneto está dividido em duas partes: a primeira, correspondente às duas quadras, é descritiva: a Natureza que rodeia o poeta está imersa em profundo silêncio; a segunda, correspondente aos tercetos, é "narrativa": acordado, o sujeito poético pede a morte, que vê prefigurada no silêncio da Natureza.

6. Recursos expressivos

6.1. Nível fónico

- A rima entre **Sorte** e **corte**, **tristeza** e **Natureza** é expressiva. No 1.^o caso, aproxima palavras que traduzem o desejo do poeta: a Sorte é quem tem nas mãos o poder de tirar a vida, através de uma Parca; no segundo, a Natureza apresentada é necessariamente triste. Por isso, a rima não é um mero artifício sonoro, mas aproxima palavras, fazendo a comunhão do sentido.
- As aliteraões existentes nos versos 5 (ch), 9 (s) e 12 (t) sugerem, respectivamente, a ausência do vento, a solidão do poeta e a acentuação da mensagem, o que comprova que houve um investimento sonoro bastante expressivo. Além disso, ainda é nítida a tonalidade nasal que percorre o texto e traduz a temática da tristeza.

- O ritmo predominantemente binário casa perfeitamente com os dois pólos do discurso: o cenário e o eu; lento nas quadras, devido ao estatismo da descrição, mais rápido nos tercetos, devido ao comportamento do sujeito poético.

6.2. Nível morfossintático

- Predomínio dos adjectivos na descrição, como é natural. Antepostos aos nomes, adquirem cariz subjectivo; pospostos, mantêm a objectividade.
- Vocabulário de índole clássica e perífrases (*coche de ébano estrelado, Zéfiro abafado, ...me corte o fio...*), a indicar a formação arcádica do autor.
- Dois conjuntos lexicais: um ligado à ausência da luz; outro ligado ao silêncio, realizando perfeitamente o "**locus horrendus**".
- Verbos no pretérito perfeito e no presente nas quadras, no presente nos tercetos. No 1.º caso, indicam estados passados que permanecem inalteráveis, observados pelo EU; no segundo, expressão da vontade e dos sentimentos no momento da interiorização.
- Domínio da coordenação na 1.ª parte descritiva e domínio da subordinação na 2.ª parte subjectiva, de acordo com os dois tipos de enunciado.

6.3. Nível semântico

- Perífrases longas em que assentam as duas quadras e o 1.º terceto.
- Personificação de Noite, Tejo, Zéfiro e Sorte: o cenário é construído de acordo com o estado de alma do sujeito poético, à maneira romântica. A personificação da Morte faz lembrar a entidade que cobre com um manto os seres vivos, roubando-lhes a luz (vestígio clássico).
- Eufemismo no 1.º terceto (....o fio... me corte.): recurso de índole clássica, que traduz de maneira mais suave a realidade da morte e que mostra uma vez mais a formação árcade de Bocage.
- Anáfora nos vv. 7 e 8: intensifica o silêncio da Natureza.

❶ Segunda fase: o comentário

O comentário é a parte mais importante do trabalho. A análise serve-lhe de base. Porém, os alunos têm necessidade de um modelo de comentário como ponto de referência. É o que vamos apresentar de seguida.

(O trabalho anterior foi realizado a pensar no comentário, que é aquilo que se pretende. Quando os alunos o realizarem diversas vezes, acabam por dominar a técnica da análise e, lendo o texto, basta-lhes sublinhar o que de mais importante nele se encontra. Têm de prestar atenção aos tópicos que lhes são propostos, porque são obrigados a integrá-los no comentário.)

Imaginemos que eram propostos para o comentário deste soneto os tópicos seguintes:

- **Assunto/tema**
- **Desenvolvimento do tema**
- **Diferentes enunciados**
- **Sentimentos expressos**
- **Recursos expressivos**
- **Aspectos neo-clássicos e pré-românticos**
- **Inserção do texto na respectiva estética**

Vamos apresentar um modelo de comentário, de acordo com as normas que foram indicadas e a análise realizada.

| | |
|--------------------------------------|---|
| Introdução: | <i>O soneto é da autoria de Bocage, poeta pré-romântico do final do século XVIII, um dos grandes sonetistas portugueses. Tendo recebido uma formação inicial neoclássica, tendo sido sócio por pouco tempo da</i> |
| Contexto | <i>Nova Arcádia, de temperamento rebelde, aderindo aos ideais da Revolução Francesa, abandonou essa Academia e seguiu um caminho poético próprio, dando forma às vicissitudes da sua vida e ao forte individualismo que sempre o orientou. Desta forma, tornou-se um dos vultos do chamado Pré-Romantismo.</i> |
| Desenvolvimento: | <i>Neste soneto, como noutros, é abordado o tema do desejo da morte,</i> |
| Assunto | <i>fruto da angústia existencial de um sujeito poético que se revê num cenário</i> |
| Tema | <i>que se costuma denominar "locus horrendus": um ambiente nocturno, triste e solitário. É composto por duas quadras e dois tercetos, sendo doze versos</i> |
| Estrutura externa | <i>decassílabos heróicos (acentos dominantes nas sílabas 6.^a e 10.^a) e dois decassílabos sáficos (versos 7 e 12, com acentos dominantes nas sílabas 4.^a, 8.^a e 10.^a) e apresentando o seguinte esquema rimático: abba cdc dcd. Forma clássica que, pela sua rigidez, condiciona o tratamento do tema em poucos momentos, articulados com lógica rigorosa.</i> |
| Estrutura interna | <i>As quadras formam a primeira parte onde é apresentado o cenário que rodeia o poeta. Deste cenário, faz parte a Noite, caracterizada como "escura e feia", entidade mitológica que conduz uma carruagem negra; um</i> |
| Enunciado descritivo | <i>"coche de ébano estrelado", elemento dominante porque condicionante de todos os outros. Com efeito, o silêncio profundo que reina na Natureza acontece porque a Noite vai alta e tudo dorme. Não é, pois, difícil justificar a presença dos outros elementos do cenário como o Zéfiro, vento brando e agradável, que não exerce a sua função, o Tejo, cujas águas adormeceram, o rouxinol, ave do canto perfeito, que não tem espaço para cantar, o mocho, ave nocturna, cortesã da Noite, como é denominada noutros textos, até essa não faz ouvir seus pios agourentos. Nem era preciso, pois tudo é tão solitário e silencioso que faz lembrar a própria morte. Compreende-se por que razão a Natureza se encontra personificada: é que o sujeito poético revê nela o seu estado de espírito, numa atitude romântica, construindo-a à sua imagem e semelhança.</i> |
| Recursos expressivos: personificação | <i>É notável o paralelismo de construção na 1.^a quadra: o verso 1 transporta-se sobre o verso 2 e o verso 3 sobre o verso 4, criando dois segmentos melodiosos paralelos; a 2.^a quadra é feita de quatro frases, quatro segmentos melodiosos, reforçando o paralelismo a anáfora "Nem... Nem...". As duas quadras formam o momento descritivo estático, salientado-se nele a presença de grande quantidade de adjectivos, ora antepostos, ora pospostos. De todos, deve salientar-se aquele que tem uma carga semântica maior: profundo (silêncio). Na verdade, o silêncio é o elemento que melhor caracteriza o ambiente físico e o ambiente psicológico. Não é sem razão que este nome aparece repetido e domina todo o texto. A tonalidade nasal (frequência de consoantes nasais / m / e / n /), as repetições de fonemas consonânticos sugestivos de ausência de ruído (s / e / ch /), tudo se conjuga para evidenciar de forma exemplar o estado em que se encontra o poeta.</i> |
| Paralelismo de construção | <i>É notável o paralelismo de construção na 1.^a quadra: o verso 1 transporta-se sobre o verso 2 e o verso 3 sobre o verso 4, criando dois segmentos melodiosos paralelos; a 2.^a quadra é feita de quatro frases, quatro segmentos melodiosos, reforçando o paralelismo a anáfora "Nem... Nem...". As duas quadras formam o momento descritivo estático, salientado-se nele a presença de grande quantidade de adjectivos, ora antepostos, ora pospostos. De todos, deve salientar-se aquele que tem uma carga semântica maior: profundo (silêncio). Na verdade, o silêncio é o elemento que melhor caracteriza o ambiente físico e o ambiente psicológico. Não é sem razão que este nome aparece repetido e domina todo o texto. A tonalidade nasal (frequência de consoantes nasais / m / e / n /), as repetições de fonemas consonânticos sugestivos de ausência de ruído (s / e / ch /), tudo se conjuga para evidenciar de forma exemplar o estado em que se encontra o poeta.</i> |
| Tonalidade nasal | <i>É notável o paralelismo de construção na 1.^a quadra: o verso 1 transporta-se sobre o verso 2 e o verso 3 sobre o verso 4, criando dois segmentos melodiosos paralelos; a 2.^a quadra é feita de quatro frases, quatro segmentos melodiosos, reforçando o paralelismo a anáfora "Nem... Nem...". As duas quadras formam o momento descritivo estático, salientado-se nele a presença de grande quantidade de adjectivos, ora antepostos, ora pospostos. De todos, deve salientar-se aquele que tem uma carga semântica maior: profundo (silêncio). Na verdade, o silêncio é o elemento que melhor caracteriza o ambiente físico e o ambiente psicológico. Não é sem razão que este nome aparece repetido e domina todo o texto. A tonalidade nasal (frequência de consoantes nasais / m / e / n /), as repetições de fonemas consonânticos sugestivos de ausência de ruído (s / e / ch /), tudo se conjuga para evidenciar de forma exemplar o estado em que se encontra o poeta.</i> |
| Aliterações | <i>É notável o paralelismo de construção na 1.^a quadra: o verso 1 transporta-se sobre o verso 2 e o verso 3 sobre o verso 4, criando dois segmentos melodiosos paralelos; a 2.^a quadra é feita de quatro frases, quatro segmentos melodiosos, reforçando o paralelismo a anáfora "Nem... Nem...". As duas quadras formam o momento descritivo estático, salientado-se nele a presença de grande quantidade de adjectivos, ora antepostos, ora pospostos. De todos, deve salientar-se aquele que tem uma carga semântica maior: profundo (silêncio). Na verdade, o silêncio é o elemento que melhor caracteriza o ambiente físico e o ambiente psicológico. Não é sem razão que este nome aparece repetido e domina todo o texto. A tonalidade nasal (frequência de consoantes nasais / m / e / n /), as repetições de fonemas consonânticos sugestivos de ausência de ruído (s / e / ch /), tudo se conjuga para evidenciar de forma exemplar o estado em que se encontra o poeta.</i> |
| Estrutura interna | <i>Silêncio e solidão, palavras-chave deste soneto. A segunda parte do texto inicia-se pelo advérbio de exclusão "Só", repetido com o pronome pessoal de 1.^a pessoa: "Só eu velo, só eu". Está justificada a localização do sujeito poético: "Neste deserto bosque". Deserto exterior e deserto interior, porque só assim se compreende o seu comportamento: "pedindo</i> |

| | |
|--|--|
| Tema Enunciado "narrativo" | <p>à Sorte/ Que o fio, com que está minh'alma presa/ à vil matéria lânguida, me corte." Deserto interior reforçado com a aliteração do fonema / s /: "Só eu velo, só eu, pedindo à Sorte".</p> <p>Está, pois, evidenciada a solidariedade entre os dois momentos do soneto, que pode caracterizar-se por afinidade e por contraste. Afinidade, porque cenário e estado psicológico se casam perfeitamente, como já foi demonstrado; contraste, porque enquanto tudo dorme, o poeta vigia. O cenário favorece a reflexão, a interiorização, a expressão espontânea de sentimentos.</p> |
| Articulação dos dois momentos | |
| Formação arcádica | <p>Volta a manifestar-se a formação arcádica de Bocage, pois o uso da mitologia é revelador desse facto. A "Sorte" é sinónimo de Destino, Fado, entidade que superintende, quer aos deuses, quer aos humanos. É ele que concede às irmãs Parcas o poder de dar ou tirar a vida. Átropos tinha nas mãos uma tesoura e entretinha-se a cortar os fios da existência humana. Além disso, a construção perifrástica e o uso do eufemismo são elementos exemplificadores de neoclassicismo. A imagem do fio que prende a existência do corpo à alma é recorrente na poesia clássica e na sabedoria popular. O poeta não tem nenhum gosto pela vida, caracterizando o corpo como "vil matéria lânguida". À sua volta, tudo é silêncio; dentro de si, tudo é escuridão, solidão; não pode, pois, estar sossegado como as coisas: sofre. O verbo "velar" sugere sofrimento, lembrando as vigílias nocturnas e fúnebres. Só lhe resta a morte que resolveria todos os seus conflitos.</p> |
| Neoclassicismo | |
| Sentimentos | <p>Enquanto ela não chega, tem ao menos o cenário fúnebre que o consola, segundo afirma, pois é o retrato da Morte. A Noite prefigura a Morte. À maneira clássica, esta é uma entidade que cobre com um manto os seres que atinge. Destacam-se dois sentimentos: horror e tristeza. O uso do determinante demonstrativo "este", "esta" e da aliteração do fonema / t / apontam o sofrimento do poeta. Bem se quer iludir afirmando que lhe dá consolação "o silêncio total da Natureza". Os leitores compreendem facilmente o seu estado. É verdade que muitos dos seus sonetos exprimem forte masoquismo, o que mascara uma profunda angústia existencial.</p> |
| Tema | |
| Sentimentos | |
| Elementos neoclássicos e pré-românticos | <p>Este soneto apresenta elementos neoclássicos e pré-românticos; por um lado, a forma poética (o soneto), a presença da mitologia (Noite, Zéfiro, Sorte...), as várias perífrases (vv. 1 e 2, 5, 10 e 11), as personificações já referidas; por outro, o tema do desejo da morte, o "locus horrendus", a subjectividade, a afirmação do indivíduo, os sentimentos de terror e solidão são as características dominantes. Integra-se, pois, na estética de transição denominada Pré-Romantismo.</p> |
| Conclusão: – Visão global da poesia de Bocage | <p>Se alguma vez, em literatura, "o estilo é o homem", pode afirmar-se que a vida de Bocage está registada na sua produção poética. O seu temperamento irascível, registado no soneto "Apenas vi do dia a luz brilhante", a sua infelicidade amorosa expressa em tantos poemas, a sua entrega a exageros de toda a espécie, como se pode ler no texto "Meu ser evaporei na lida insana", a saudade e o exílio, o fatalismo que o perseguia, o ciúme atroz expresso em sonetos como "Guiou-me ao templo do letal Ciúme", "A loira Filis na estação das flores", "Há um medonho abismo, onde baqueia", o desejo da morte, a angústia existencial de quem não encontrou sentidos para a vida, tudo isto faz deste poeta um bom representante dessa estética que se irá afirmar anos mais tarde.</p> |
| – Pré-Romantismo | |